



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

HUMOR, ENUNCIÇÃO E DISCURSO EM PIADAS DE CAIPIRA

Emanuel Angelo Nascimento¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os processos de enunciação do humor em piadas de caipira, levando em conta a materialidade discursiva de um conjunto de piadas regionalistas que constituem o *corpus* de nosso trabalho e a partir do qual observamos, sob a perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, a questão do preconceito nas diferentes representações – muitas vezes hiperbólicas – da figura do caipira. Para tanto, mobilizamos, em nossas análises, os estudos de Amossy & Herschberg-Pierrot (1997) para tratar da questão dos estereótipos, bem como os trabalhos de Possenti (1998, 2010), Maingueneau (1993, 1998, 2006), Freud (1905), Bergson (1899), Propp (1976), Raskin (1985) e Skinner (2002), no intuito de analisar as relações entre a história, a língua, o discurso, a ideologia, a comicidade e o riso.

Palavras-chave: enunciação humorística; discurso; estereótipos do caipira.

Résumé: L'objectif de cet article c'est de analyser les processus d'énonciation de l'humor dans les blagues sur le « caipira » brésilien, en tenant compte de la matérialité discursive d'une série de blagues régionalistes qui composent le *corpus* de ce travail. À partir de là, on observe, du point de vue théorique de l'analyse du discours de ligne française, la question de préjugé dans différentes représentations – généralement hyperboliques – sur la figure du «caipira». Par conséquent, nous mobilisons dans nos analyses les études d'Amossy & Herschberg-Pierrot (1997) pour aborder la question des stéréotypes, et les travaux de Possenti (1998, 2010), de Maingueneau (1993, 1998, 2006), de Freud (1905), de Bergson (1899), de Propp (1976), de Raskin (1985) et de Skinner (2002), afin d'analyser les relations entre l'histoire, la langue, le discours, l'idéologie, l'humour et le rire.

Mots-clés: énonciation humoristique; discours; stéréotypes du caipira.

Introdução

Neste trabalho, buscamos analisar os processos de enunciação do humor a partir dos estereótipos do caipira presentes em textos humorísticos, eventualmente breves, como é o caso das piadas regionalistas. Nesse sentido, procuramos observar como os estereótipos do

¹ Aluno especial do programa de pós-graduação em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: emanuellangelo@yahoo.com.br.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

caipira oscilam entre as representações de um sujeito ora bobo, inocente, inculto, ora matuto ou esperto, evocadas nos discursos de humor a partir da memória e do imaginário coletivo.

Para tanto, nosso trabalho se inscreve na perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, a partir do que mobilizamos os conceitos de cenas de enunciação, desenvolvidos por Maingueneau (1993, 1998, 2006), além dos trabalhos de Possenti (1998, 2010), Maingueneau (1993, 1998, 2006), Freud (1905), Bergson (1899), Propp (1976), Raskin (1985) e Skinner (2002), no intuito de investigar os efeitos de humor e comicidade relacionados aos estereótipos do caipira, bem como a questão do preconceito.

Em torno particularmente da questão da estereotipia, consideramos as importantes reflexões feitas por Amossy & Herschberg (1997), Amossy (2004 [2002]), para tratar, em nosso trabalho, especificamente a respeito das representações estereotipadas do caipira. Analisamos, assim, como a cultura do sujeito da roça, do homem do campo se refletem linguisticamente no *ethos* discursivo caipira, considerando os costumes, as tradições, os sotaques e os modos de falar (dialetos caipira / caipirês) e sua articulação enunciativa e discursiva com vistas para a produção dos efeitos de comicidade e humor.

Nesse sentido, organizamos para o *corpus* de análise um conjunto de piadas e causos caipiras, a partir dos quais observamos as condições de produção do discurso humorístico, bem como algumas representações do caipira, sócio-historicamente construídas no interdiscurso.

Estereótipos do caipira: ideologia, preconceito e discurso

Para a Análise do Discurso, os estereótipos apresentam-se, geralmente, como um lugar-comum devido à sua cristalização e circulação na sociedade, através da memória discursiva e das representações construídas sócio-historicamente, sejam ao longo dos tempos, seja no interdiscurso. Nesse sentido, o funcionamento da estereotipia é concebido a partir das relações entre sujeito, linguagem, história e sociedade. Assim:

[...] o estereótipo, como representação coletiva cristalizada, é uma construção de leitura (Amossy, 1991:21), uma vez que ele emerge somente no momento em que um alocutário recupera, no discurso, elementos espalhados e frequentemente lacunares, para reconstruí-los em função de um modelo cultural preexistente (AMOSSY, 2004 [2002], p. 215).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Diferentes discursos (histórico, literário, artístico, entre outros), construídos ao longo da história, no Brasil, apontam para diferentes representações do caipira, tais como, por exemplo, a figura cômica dos personagens de Amácio Mazzaropi, no cinema, ou mesmo a figura do caipira rústico, pobre e inculto do personagem Jeca-Tatu, de *Urupês* (1918), de Monteiro Lobato. Esse tipo ganhou, inclusive, uma expressão metaforizada na língua portuguesa, quando se registrou “o substantivo comum jeca, que designa o que habita o meio rural, caipira”, de acordo com Torrecillas (2008, p. 4). Não apenas este sentido, mas também outra acepção mais pejorativa é apresentada no dicionário, expressando aquele que “revela mau gosto, falta de refinamento” (HOUAISS, 2001), que é “cafona, ridículo” (*idem*).

Além de Jeca-Tatu, de Monteiro Lobato, na literatura, e de Mazzaropi, outras representações como a do personagem central da tela *Caipira Picando Fumo* (1893), do pintor Almeida Júnior, e do personagem Chico Bento, das Histórias em Quadrinhos (HQs), de Maurício de Souza, exerceram um importante papel na construção da figura de um tipo regionalista, natural da roça, às vezes descrito, do ponto de vista de algumas ideologias preconceituosas, como um sujeito à margem da chamada civilização urbana e estagnado diante do dito desenvolvimento econômico e social das grandes capitais brasileiras, principalmente no início do século XX.

Como reflete Possenti (1998), o estereótipo é um dos meios mais explorados na articulação do riso. No caso das piadas, as representações e os estereótipos, geralmente, buscam destacar determinados traços culturais de determinados grupos sociais, acentuando esta ou aquela característica e promovendo certo exagero caricaturesco – como se todo caipira fosse bobo/ ingênuo, matuto/esperto, capiau/inculto, como se todo baiano fosse, talvez, preguiço ou toda loira fosse “burra”. A esse respeito, que parece se tratar mais de uma questão de *simulacro* do que de características ou identidade de um grupo, Possenti (2010) aponta que:

(...) as piadas fazem aparecer, ao lado de um estereótipo básico, assumido pelo próprio grupo (um traço de identidade?), o estereótipo oposto. Por exemplo, se um grupo se representa tipicamente como “macho” (valente etc.), as piadas dirão dele não só seu oposto, mas seu oposto mais rebaixado possível, considerado um certo quadro cultural. Assim, embora o traço “macheza/masculinidade” possa implicar características não ligadas necessariamente ao desempenho sexual (como valentia,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Hombridade etc.), o estereotipo oposto com o qual a piada opera selecionará o traço “sexualidade”. E neste sentido que se pode dizer que o estereotipo talvez seja um simulacro (POSSENTI, 2010, p. 42).

Por essa perspectiva, observamos, por exemplo, nas piadas regionalistas, que alguns traços, não exclusivos necessariamente deste ou daquele grupo social, são exacerbados em sua caracterização, visando, a partir de *simulacros*, provocar efeitos como o de comicidade, de humor, riso e, em alguns casos, promovendo e/ou refletindo determinados preconceitos, produzidos, no interdiscurso.

Enunciação humorística e cenografia

Os discursos de humor, frequentemente, são construídos a partir de um contexto revestido de uma ambientação, uma articulação para o cômico e inusitado. Nesse sentido, os causos, as piadas regionalistas exploram o clássico estereótipo do caipira representado por um tipo interiorano, geralmente, um sujeito que usa chapéu de palha, vive na roça e é caracterizado, notadamente, por seu modo de falar, por seu sotaque regional (marcado linguisticamente por metaplasmos e pelo r- retroflexo), em seu dialeto caipira. Os processos de enunciação humorística, desse modo, revestem-se de efeitos de sentido que são indissociáveis, de modo que tanto o texto – unidade linguística de análise – quanto o quadro social se articulam aos processos discursivos e enunciativos sobre os quais o analista se debruça.

Nesse entendimento, convém destacar as noções de *cenas de enunciação* desenvolvidas por Maingueneau (1993, 1998, 2006), a partir das quais o autor propõe o seguinte desdobramento:

- (i) *cena englobante*: correspondente ao tipo de discurso (no caso aqui analisado, o discurso humorístico);
- (ii) *cena genérica* – relacionada aos gêneros de discurso, representados, por exemplo, pelas piadas, pelos chistes, pelas anedotas, pelos causos caipiras, pelas charges e tirinhas de humor;
- (iii) e *cenografia*, que diz respeito à articulação da piada – que pode ocorrer, por exemplo, por meio de diálogos e/ou uma sequência narrativa.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O conceito de *cenografia*, que mobilizamos frequentemente em nossas análises, de acordo com Maingueneau (2006), corresponde à:

[...] cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente (MAINGUENEAU, 2006, p. 70).

Nesse sentido, tal como analisaremos, a seguir, pretendemos mostrar como o humor se vale dessa articulação entre a *cenografia* enunciativa e os mecanismos de articulação discursiva a partir dos quais se inscrevem diferentes estereótipos do caipira sócio-historicamente construídos e interpelados pela ideologia.

Discurso e humor em piadas de caipira

As piadas de caipira, em geral, são caracterizadas pela inscrição de determinadas representações estereotipadas do caipira, bem como pela reprodução de seu *ethos* discursivo, em que se fazem notar algumas das marcas linguísticas (fonético-fonológicas, morfológicas, sintático-semânticas) próprias da variante regional caipira.

As representações desse dialeto, por sua vez, aparecem associadas a alguns sentidos (ideologicamente marcadas pelo preconceito ou não) e sócio-historicamente construídas no imaginário coletivo em relação à imagem que se tem do caipira e do uso que este faz da língua.

Não raro, muitas piadas mobilizam uma cenografia cujo nó é estruturado pela articulação de diálogos breves tradicionalmente chamados de *prosa caipira* nos quais, geralmente, inscrevem-se alguns estereótipos típicos do caipira, caracterizado basicamente como um homem do campo, da roça, do interior e descrito ora como um sujeito bobo/ingênuo, inculto/atrasado/desajeitado, indolente/preguiçoso, ora como um sujeito tímido/simples/rústico, matuto/esperto.

Vejam, a seguir, algumas piadas em que tais estereótipos e que tais aspectos de linguagem são mobilizados, e que se relacionam a uma certa competência discursiva do caipira voltada para o humor.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(01) Caipira no Médico

O caipira vai a uma consulta e o médico pergunta:

— O que senhor tem?

O caipira responde:

— Uma muié, uma vaca e uma galinha...

— Não é isso... O que o senhor está sentindo?

— Ah, tá! Vontade de largá a muié, vendê a vaca e comê a galinha com quiabo!

Fonte: Piadas. Disponível em: <<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/caipira-no-medico-18403.html>>
Acesso em: 02 abr. 2016

Identificamos, nessa primeira piada, a relação entre os efeitos de humor e o “quadro cênico” (que instaura as reações de um caipira diante das perguntas do médico, durante uma consulta). As respostas dadas pelo caipira articulam-se a uma certa violação dos roteiros semântica e pragmaticamente pressupostos pela situação. Nesse caso, quando o médico questiona (*O que senhor tem?*), o caipira parece resistir e lutar diante da pressuposição de que o médico pretende tomar ciência de seu estado de saúde.

Assim, a aparente dificuldade do caipira de interpretar o enunciado posto e o seu sentido pressuposto reforça, nos fios do discurso, o estereótipo do caipira inculto, posto que a articulação entre o dito e o não-dito evidencia, por exemplo, a necessidade de o médico explicitar os sentidos (*Não é isso... O que o senhor está sentindo?*) – o que constitui, nesse ponto, a base semântica da piada, marcada por uma batalha do caipira com as palavras, de sua maneira de interpretar os sentidos postos e pressupostos. Convém aqui destacar as palavras de Conde (2005) de que, mirando determinados efeitos de sentidos, “os sujeitos negociam com os discursos, resistem a uns para aderir a outros, monitoram a própria enunciação lutando contra sentidos que lhes parecem exceder o dito ou supostas pretensões” (*idem*, p. 59).

A exemplo da técnica dos *chistes verbais* propostos por Freud (1905), a técnica mobilizada na/pela piada (01) resulta justamente de uma competência discursiva voltada para o humor, a partir da qual o caipira opera, subvertendo linguisticamente os roteiros e redeslocando os sentidos semântica e pragmaticamente pressupostos pela situação discursiva (o que o caipira “tem” não é propriamente um problema de saúde [doença] comum, mas sim *uma muié, uma vaca e uma galinha*; e o que ele “sente” tampouco é tontura, dor ou fadiga, mas, sim, *uma vontade de largá a muié, vendê a vaca e comê a galinha com quiabo!*), decorrendo daí o efeito de humor.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Nesse entendimento, as estratégias discursivas de produção do riso e os mecanismos verbais responsáveis pela construção do humor associam-se também, no caso analisado (e em outros que aqui analisaremos), a um estereótipo específico do caipira que evoca a imagem de um ser “espirituoso que transita pela heterogeneidade da fala e subverte concessões pragmáticas num constante exercício de inteligência, sagacidade, no quadro quase obsessivo do desejo pelo risível” (CONDE, 2005, p. 22).

Com efeito, o discurso humorístico, mobilizado pela/na piada (01), opõe, de um lado, a imagem de um sujeito inculto, socialmente desajeitado, em termos de competência pragmática, e, de outro lado, a imagem de um caipira matuto/esperto que, com o seu habitual *ethos* caipira, dribla com astúcia, habilidade e sagacidade as convenções e os roteiros pressupostos pela situação discursiva. Essa *contradição* associa-se enunciativa e pragmaticamente aos efeitos de inesperado e de inusitado comuns ao humor, dada a maneira como o caipira contorna a situação aparentemente embaraçosa na qual ele se encontra. Nesse e em outros casos que aqui analisaremos, as representações do dialeto regional caipira desempenham um papel linguisticamente significativo na construção do humor, uma vez que contribuem para reforçar as marcas do *ethos* discursivo caipira, em termos sociolinguísticos – como também podemos examinar a partir da piada (02):

(02) Lua de Mér

Lá na roça, um menino e uma menina foram criados juntos, desde que eram bem miudim...
O tempo foi passando, passando, eles foi crescendo, crescendo. Aí se casaro. No dia do casório, sacumé, povo da roça não viaja na lua de mér, já vai direto pra casinha de pau a pique. Chegano lá na casinha, o Zé, muito tímido, vira para Maria e fala:
— Ó Maria, nós vai tirano a rôpa, mais ocê num mi óia nem ieu ti óio, vamu ficar dis costa.
Maria responde:
— Tá bão Zé. Intaum eu num ti óio e ocê num mi óia, cumbinado.
Nisso Maria abre a malinha de papelão novinha que ganhou do pai, tira a camisola que ganhou da mãe. Maria tira a roupa. Ao vestir a camisola notou que a mãe tinha lavado, ponhado no sór pra módi quará e ficá bem branquinha. Tava um capricho só a camisola! Só que a véia usou goma demais pra passar a camisola, deixando muito engomada. Maria então diz:
— Meu Deus ducéu, cuma é qui eu vô drumi com um trem duro desse?
Aí o Zé fala:
— Ah Maria! Assim num vale! Ocê mi oiô né?

Fonte: Piadas. Disponível em: <<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/lua-de-mer-8743.html>> Acesso em: 17 jul. 2016



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Expressões típicas do caipirês – tais como *miudim* (miúdo, bem pequeno), *casório* (casamento), *casinha de pau a pique* (casa bem rústica, de vigas de madeira e barro), *trem* (objeto) – articulam-se a outras marcas do dialeto regional caipira presentes em piadas e em outros textos para além do campo do humor.

Quanto a esse aspecto, convém levar em conta os importantes estudos realizados por Amadeu Amaral, em sua obra *O dialeto caipira*, de 1920, que nos ajudam a identificar, na piada (02), alguns traços comuns à oralidade caipira, articulados, por exemplo, por meio de metaplasmos, a saber: por ditongação em *não* > *num* e em *então* > *intaum*; aglutinação em *sabe como é* > *sacumé*; apócope nas terminações de verbo, como em *vou* > *vô* e *dormir* > *drumi*; vocalização em (eu) *olho* > (eu) *óio*; rotacismo em *mel* > *mér* com -r retroflexo, entre outros processos metaplásticos cujas características não pretendemos aqui esmiuçar. O que nos interessa chamar atenção é para o fato de que tais marcas linguísticas, levando em conta os mecanismos de articulação da piada, servem não apenas para explicitar alguns traços dialetais do caipirês, mas também para reproduzir, mesmo que de forma simplificada e/ou generalizada, o uso que o caipira faz da língua e como ele a articula, por exemplo, em termos fonológicos, lexicais, morfológicos, sintáticos e semânticos.

Por outro lado, cabe destacar também que as piadas, em geral, ao tentar reproduzir alguns sotaques e expressões regionais típicas (do caipira, do baiano, do carioca, do gaúcho, etc), contribuem para reforçar a imagem (muitas vezes, hiperbólica e caricaturesca) que se tem do *outro* e do seu dialeto. Não raro, muitas piadas de caipira contrapõem a linguagem informal e coloquial utilizada pelo sujeito rústico, simples, da roça a uma linguagem mais formal, característica do que se convencionou chamar de norma padrão/culta. Os efeitos de sentido produzidos, no interdiscurso, nesses casos, são o de representação de uma linguagem simples, de menor prestígio, associada ao estereótipo do caipira ingênuo, bobo e/ou inculto.

Empreendendo uma breve análise pragmático-discursiva da piada (02), os personagens (Zé e Maria) recém-casados, não são apenas representados pelo uso que fazem do dialeto caipira imbricado com o efeito de sentido de ingenuidade (*eu num ti óio e ocê num mi óia*), mas também são descritos pela timidez, por fazerem jus, em sua primeira “lua de mér”, às características prototípicas do caipira envergonhado. A vergonha, neste caso, articula-se enunciativa e discursivamente a uma representação estereotipada do caipira bobo



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

ou ingênuo que emerge de um *script* sexual marcado por uma obscenidade levemente reprimida.

Nesse sentido, observamos a relação que há entre o “quadro cênico” da piada sobre o casal de caipiras recém-casados e uma aproximação daquilo que Freud (1996 [1905]) chama de “chiste obsceno”, uma vez que:

[...] pela enunciação de palavras obscenas a pessoa assediada é compelida a imaginar a parte do corpo ou o procedimento em questão, ao mesmo tempo que lhe é mostrado o que o assediante, ele próprio, está imaginando (...) Como se dá com tanta frequência, olhar substitui tocar (*idem*, p. 67).

A proposta de Zé, na piada, dá lugar a uma certa corporalidade acordada entre o casal (em um *cumbinado*) de Maria e Zé ficarem um *dis costa* para o outro sem se olharem. O ato de tirarem a roupa e o movimento de não virarem o corpo de frente um para o outro encenam a preparação para a primeira relação sexual entre os dois, a partir da qual o gesto combinado buscaria não revelar a nudez, nem expor as partes íntimas do corpo diante do olhar e da vergonha um do outro.

A enunciação do humor, por sua vez, se faz pela suposta quebra do contrato imaginada por Zé, que interpreta o espanto de Maria (*Meu Deus ducéu, cuma é qui eu vô drumi com um trem duro desse?*) como uma exclamação obscena, interpelada pelo sentido da expressão *um trem duro desse*, empregada por Maria para se referir à camisola “dura” (no sentido de muito engomada), mas acenando para outro *script*, deduzido por Zé como uma referência, naquele momento, à condição (ereta) de seu próprio órgão genital masculino. Assim, na interpretação do caipira, a possível dificuldade de sua esposa em *drumi com um trem duro* daquele deixaria pressuposto, nos fios do dizer, não apenas uma certa ingenuidade de Maria em relação ao que fazer, na primeira *lua de mér*, com o órgão genital de Zé, mas revelaria a quebra do acordo por parte dela, pois ela o teria olhado. Esse sentido é acionado, quando Zé faz a seguinte constatação: *Ah Maria! Assim num vale! Ocê mi oiô né?*. Pragmática e semanticamente, a dedução de Zé implicaria uma certa curiosidade de Maria em virar o corpo e o olhar, flagrar o parceiro excitado/ereto, espantando-se, conseqüentemente, com o *trem duro*.

Raskin (1985), segundo sua teoria semântica dos scripts, observa que, nas piadas, os contrastes estão constantemente em jogo. Assim, tal como examinamos na piada (02) sobre o



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

casal de caipiras, o exposto e o secreto, o público e o íntimo se colocam numa relação de tensividade. Outro exemplo bastante semelhante disso pode ser observado na piada (03), a seguir:

(03) 50 Comprimidos

O caipira entrou no consultório e meio sem jeito foi falando:

— Dotô, o negócio não sobe mais. Já tomei de tudo quanto foi chá de pranta mas não sobe mais memo.

— Ah não, meu amigo. Vou te passar um medicamento que vai deixar você novo em folha. São cinquenta comprimidos, um por dia.

— Mais dotô, eu sou um home simpris da roça. Só sei conta inté deiz nos dedos e mais nada.

— Então você vai numa papelaria, compra um caderno de cinquenta folhas. Cada folha um comprimido. Quando o caderno acabar você já vai estar curado. A receita está aqui.

— Brigado dotô. Vô ingora memo compra o tar caderno.

E logo que saiu do prédio avistou de fato uma papelaria ali perto. Entrou, a moça veio atender.

— Eu precisava de um caderno de cinquenta fôia.

— É brochura?

— Médico fio da puta. Já andou espaiano meu pobrema por aí...

Fonte: Piadas. Disponível em: <<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/50-comprimidos-8519.html>>
Acesso em: 02 ago. 2016

O estereótipo do caipira bobo, ingênuo e/ou inculto, a exemplo do que ocorre na piada (01), aparece aqui também relacionado a uma certa ignorância/simplicidade admitida pelo caipira (de só saber, por exemplo, contar até dez, e nos dedos) ou à sua falta de conhecimento em relação a determinadas expressões comuns da língua (como *brochura*, para se referir a um tipo de encadernamento, e não a uma incapacidade de ereção sexual) ou de certas perguntas como *o que o senhor tem?* pragmaticamente empregada, por exemplo, em uma consulta médica para se saber o estado de saúde do paciente, e não sua posse/não de determinados bens. A piada (03), assim, opera por meio desses efeitos semânticos de ambiguidade, uma vez que em sua base o sentido da palavra “brochura” interpretado pelo caipira opõe-se ao sentido empregado pela atendente da papelaria. Além disso, o efeito de humor, nesse caso, resulta justamente dessa ambiguidade, desse mal-entendimento e, principalmente, pelo fato de o caipira ingenuamente imaginar que a moça da papelaria já sabia do seu problema de ereção sexual, ao supor de forma exagerada que o médico havia dado publicidade do fato. O exagero, no caso, de acordo com Propp (1992 [1976], p. 88), “é cômico apenas quando desnuda um defeito”. Semelhante ao que ocorre na piada (02), o contraste entre aquilo que é



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

íntimo/secreto e aquilo que é exposto constitui os “quadros cênicos” do exagero dedutivo e imaginário construídos na articulação do humor.

Um caso um pouco diferente destes até aqui analisados pode ser representado pela piada (04), adiante, a partir da qual se observa que o estereótipo do caipira matuto e esperto que reluta em aceitar o estereótipo rebaixado de sujeito inculto/ignorante.

(04) Praça da Arve

O caipira veio pra São Paulo e ficou completamente perdido.
Então perguntou pra um sujeito que estava sentado na praça, fumando.
— Dia, moço... O sinhô sabe onde é que fica o terminal de ônibus da Praça da Arve?
— Praça da Árvore? — corrigiu o paulistano.
— Isso, exatamente... Praça da Arve!
— Fica ali, ó! Na primeira rua à esquerda. Qualquer idiota sabe!
— Mais é por isso mesmo qui eu perguntei pro sinhô, uai!

Fonte: Piadas. Disponível em: <<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/praca-da-arve-5375.html>>
Acesso em: 10 ago. 2016

Esse exemplo do caipira que, a princípio é ridicularizado pelo paulistano, se aproxima daquilo que Freud (1905) chama de “chistes hostis”, posto que

[...] tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo – fato que a terceira pessoa, que não despendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso [...] Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente, devido a obstáculos no caminho (FREUD, 1966 [1905], p.103).

Assim, considerando as reflexões de Skinner (2002) de que o *riso* também é uma arma, observamos na piada (04) que – assim como um “ágil franzino que numa briga apenas desvia de um brutamontes, fazendo com que este se bata sozinho” (CONDE, 2005, p. 77) – o caipira usa com astúcia a força deselegante do paulistano para vencê-lo.

Considerações finais

As análises feitas, ao longo deste artigo, revelam como alguns dos estereótipos do caipira (representado, muitas vezes, pejorativamente, como bobo, ingênuo, inculto, atrasado, desajeitado, outras vezes, como um sujeito tímido, simples, rústico, matuto e/ou esperto) se articulam enunciativa e discursivamente à construção do humor em piadas regionalistas.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

No caso, por exemplo, da piada (04), observamos como o contraste entre a cultura do caipira e o sujeito da “cidade grande” opera, de acordo com Nascimento (2016b) no sentido de deixar escapar, nos fios do discurso, “um preconceito regional velado em relação ao sujeito proveniente de zonas rurais e interioranas” (p. 1). Nesse e nos demais exemplos (01), (02) e (03), aqui analisados, observamos como o efeito de comicidade, considerando ainda as reflexões de Nascimento (2016a p. 44), aparece relacionado “a uma imagem caricaturesca do caipira e do seu ethos discursivo”. O uso que o caipira faz da língua e como ele a articula, em termos fonológicos, lexicais, morfológicos, sintáticos e semânticos, faz do caipirês, ser alvo, não raro, por exemplo, de preconceito linguístico – como ocorre a partir do embate entre o caipira e o paulistano na amostra (04). A variante regional é colocada, nesse caso, em confronto com a chamada normal padrão/culta – o que, na piada, serve para reforçar a imagem preconceituosa e rebaixante do caipira inculto. Assim, corroborando com aquilo que Bergson (1899) reflete a respeito do riso resultante de uma significação social, o caipira contorna com ágil habilidade pragmática e linguística o preconceito do outro.

Convém também ressaltar que as piadas aqui analisadas foram extraídas do site de humor Os Vigaristas. Nesse aspecto, como aponta Nascimento (2016c, p. 7), o riso em torno das piadas de caipira ocorre independente de elas circularem em sites de humor ou não (na oralidade, em suporte impresso ou suporte digital).

Por fim, destacamos como a cenografia e os estereótipos desempenham um papel importante na articulação das piadas, uma vez que deles emergem “quadros cênicos” a partir dos quais o humor se articula pragmática, semântica e discursivamente.

Nesse sentido, a língua, a ideologia e a história inscrevem-se no funcionamento do discurso do humor por meio de processos de deslocamentos e ressignificação de sentidos – afinal a inscrição de determinadas representações da imagem do outro são sócio-historicamente construídas no interdiscurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 1. ed. São Paulo: Casa Editora O livro, 1920.
- AMOSSY, R. Estereótipo. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004 [2002].



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

- _____.; HERSCHBERG-PIERROT, A. *Stéréotypes et clichés*. Langue, discours, société. Paris: Nathan Université, 1997.
- BERGSON, H. *O riso* – ensaio sobre o significado do cômico. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1899].
- CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- CONDE, G. *Piadas regionais*: o caso dos gaúchos. 2005. 232 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1905).
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LOBATO, M. (1918) *Urupês*. 37. ed. Revisada. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2006.
- _____. (1993) *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. (1998) *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- NASCIMENTO, E. A. *Humor, ideologia e discurso*: a circulação dos estereótipos do caipira em piadas na internet. *Texto Livre*, v. 9, n. 1, pp. 28-47, 2016a.
- _____. *Fórmula e estereótipo em discursos de humor*. Anais do IV Seminário Interdisciplinar das Ciências da Linguagem. Crateús: IFCE, 2016b.
- _____. *O discurso do humor nos processos de enunciação digital*. Anais do XII Evidosol e X CILTEC On-line, vol. 5, n. 1. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*. Belo Horizonte: UFMG, 2016c.
- POSSENTI, S. *Os humores da língua*: análise lingüística de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- _____. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- PROPP, V. *Comichade e riso*. São Paulo: Ática, 1992 [1976].
- RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht: D. Reidel, 1985.
- SKINNER, Q. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. Trad. Alessandro Zir. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- TORRECILLAS, M. V. C. *O estereótipo do caipira brasileiro na literatura, nos quadrinhos e na pintura*. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie*, v. 08, n. 1, 2008.